

Legados da Perda

Ivânia Jann Luna¹

Resumo

O objetivo desta pesquisa foi caracterizar legados de perdas transmitidos intergeracionalmente. Foi realizada uma pesquisa clínica com estudo de caso de duas famílias, a partir do ponto de vista de um dos seus integrantes. Os instrumentos de coleta de dados foram: entrevista semi-estruturada, genograma e linha do tempo familiar. Cada caso foi analisado qualitativamente a partir de quatro categorias. O luto de cada família foi permeado por diversas reações diante das perdas repentinas e, no processo de reorganização familiar, houve alterações significativas no sistema quanto aos papéis dos filhos. Observou-se que as participantes tiveram que lidar com a dificuldade de individuação dos filhos e a superproteção dos mesmos interferindo tanto em seu processo de autonomia, como também com a falta de relações de intimidade. Conclui-se que os legados de cada perda tiveram um impacto intergeracional significativo para que o sistema familiar pudesse enfrentar os desafios da transição para a vida adulta e velhice.

Palavras chaves: legados da perda; luto; ciclo de vida familiar.

Legacies of Loss

Abstract

The objective of this study was characterize legacies of loss transmitted across to generation. Clinical research was carried out with a case study of two families, point of view of one yours integrant. The instruments to collect data were: semi-structured interviews, genogram, and family time lines. Each cases were qualitatively analyzed based on four categories. The families' grief was permeated with various suffering in the face of the sudden loss. There were significant alterations in the process of family reorganization as to the roles of

¹ Psicóloga; Mestre em psicologia Clínica pela PUC/SP; Terapeuta Familiar; Professora do Curso de Psicologia da Univali/SC, Universidade do Vale do Itajaí; Professora do Curso de Formação em Terapia Sistêmica do Movimento e sócia titular da ACATEF.

children in the system. Observe this participant had to deal with the difficulty of their children's individualizing and their overprotective desires interfering in their autonomy processes, as well as the loss of intimate relationships. We conclude that the legacies of each loss had an inter-generational impact and were significant in the family system facing the transitional challenges for adult life and older age.

Keywords: *legacies of loss; grieving; cycle of family life.*

Introdução

O campo da terapia familiar recentemente vem desenvolvendo aportes teóricos para compreender os efeitos sistêmicos das perdas na família, bem como os processos interacionais pelo qual a família vai paulatinamente lidando com a falta de um ou mais integrantes. Walsh e McGoldrick (1998) são representantes significativas da terapia familiar americana que abordam o impacto das perdas nas várias etapas do ciclo de vida familiar e também como são transmitidos intergeracionalmente os padrões de funcionamento estereotipados relacionados às dificuldades na elaboração do luto familiar.

Na literatura brasileira não foram encontrados artigos ou trabalhos que abordassem a relação entre luto familiar, ciclo de vida das famílias e os legados familiares. Portanto, considera-se importante utilizar o referencial teórico proposto por essas autoras americanas supracitadas para cumprir o objetivo de pesquisar a relação entre perdas, lutos e os legados deixados por essas perdas na família.

As definições importantes para o trabalho de análise dos dados coletados na pesquisa empírica foram: o conceito de família na perspectiva de seu ciclo de vida e descrições sobre a sua evolução; os fatores que modificam as transições do ciclo de vida familiar; o conceito de perda e luto na visão sistêmica e os processos interacionais da família diante das perdas; os efeitos multigeracionais da perda, a partir do conceito de transmissão de padrões familiares de lutos mal resolvidos, também denominados na literatura de legados da perda (McGoldrick, 1998). A seguir abordaremos cada um desses tópicos no referencial teórico e, em seguida, apresentaremos o método de pesquisa, os resultados e a análise dos mesmos, encerrando o artigo com as considerações finais.

Referencial Teórico

A família é um sistema com propriedades diferentes de outros, pois se movimenta através do tempo com a entrada e a saída de seus membros e, conseqüentemente, assume desafios e estresses gerados com a mudança da estrutura, das funções e dos papéis que permitem que esse sistema opere com mais ou menos pessoas (Carter e McGoldrick, 1995).

Alguns autores brasileiros, como Cerveny e Berthoud (2002), descrevem um conjunto de etapas ou fases pelos quais as famílias passam, definidas sobre alguns critérios (por exemplo, idade dos pais, idade dos filhos, tempo de união do casal), desde o início de sua constituição (com a chegada dos filhos) e até a morte de um ou dos indivíduos que a iniciaram. O conjunto de seis etapas é conhecido por ciclo de vida familiar: o casamento; a transição para a paternidade; famílias com adolescentes; famílias no meio da vida: lançando os filhos e seguindo em frente; famílias no estágio tardio da vida.

Para Carter e McGoldrick (1995) no ciclo vital existem estressores previsíveis e imprevisíveis. Os previsíveis são aqueles que ocorrem de acordo com o desenvolvimento do ciclo de vida familiar, conforme a família avança no tempo, como por exemplo, a fase da adolescência. Já os estressores imprevisíveis são aqueles que ocorrem de forma inesperada, como por exemplo, uma morte precoce, um acidente, ou uma doença crônica em um dos membros da família. Estes últimos afetam sobremaneira as transições no ciclo de vida familiar, como por exemplo, quando ocorre um divórcio e há um aumento da complexidade das tarefas desenvolvimentais que a família experiencia. Outro exemplo possível de ser citado, na presença de uma doença crônica em um dos integrantes da família é crucial compreender o entrelaçamento de três fios evolutivos em relação à questão adaptativa: os ciclos de vida da doença, do indivíduo e da família.

Da mesma forma que o divórcio e a doença, o evento da perda por morte gera um processo sistêmico de ajustamento e reforçamento mútuo no grupo familiar, a fim de manter o equilíbrio e a continuidade daquela estrutura e organização (Bromberg, 1994).

A partir de uma perspectiva familiar sistêmica

... a perda pode ser vista como um processo transacional que envolve o morto e os sobreviventes em um ciclo de vida comum, que reconhece tanto a finalidade da morte como a continuidade da vida. Atingir o equilíbrio nesse processo é a tarefa mais difícil que uma família deve enfrentar em sua vida (Walsh e McGoldrick, 1998, p. 27).

Conforme as autoras acima citadas existem fatores que dificultam a elaboração do luto na família como: o momento da morte no ciclo de vida familiar; a posição na família da pessoa que morreu; a existência de relações conflituosas ou rompidas na época da morte; a história de perdas anteriores (múltiplas perdas); o tipo de morte; as características da família (por exemplo, a franqueza no sistema familiar que envolve o nível de diferenciação de seus integrantes, sua comunicação e a existência de segredos familiares); a reação da família no momento da morte (a família mantém distância da realidade da morte); os legados multigeracionais de lutos mal elaborados; os sistemas de crenças da família que evocam culpa e vergonha em torno da morte; a falta de recursos familiares, sociais e econômicos;

e, por fim, o contexto social e étnico da família.

Quanto aos processos elaborativos de luto familiar, na visão sistêmica, a família pode envolver-se com um conjunto de processos interacionais tais como, conflito e ruptura; realinhamento e redistribuição de papéis, investimento em outras relações e projetos de vida que permitam a reorganização da estrutura e a promoção da unidade e identidade familiar (Walsh e McGoldrick, 1998).

É possível falar em luto familiar complicado quando a família vivencia uma rigidez nos relacionamentos, desqualificação das reações de luto dos demais membros familiares, negação e abuso de drogas (Walsh e McGoldrick, 1998). Abordando o luto de cada um dos integrantes de uma família, quanto às reações frente à perda e à morte, a intensidade destas pode diminuir paulatinamente, num período de aproximadamente dois anos, ou apresentar-se de forma inibida (inibição das emoções do luto), adiada (adiamento das emoções do luto por circunstâncias externas) ou cronicada (intensidade das reações e prolongamento indefinido destas). Na visão de Parkes (1999) adiamento, inibição ou cronicada das emoções do luto são consideradas variantes do luto normal, logo, chamadas de luto problemático.

No contexto de luto familiar complicado que McGoldrick (1998) problematiza os legados da perda, tendo como base o conceito de transmissão multigeracional de padrões familiares de Murray Bowen. Na visão daquela autora, "... a justaposição de eventos nodais intensifica o processo familiar e aumenta a probabilidade de transmissão emocional de padrões para a geração seguinte..." (p. 136). Assim, os filhos podem ter um papel especial na família e, muitas vezes, isso pode envolver a necessidade de resolver missões deixadas incompletas pela perda não elaborada nas gerações anteriores.

Método

Delineamento da pesquisa

Esta pesquisa pode ser caracterizada como de natureza qualitativa, destacando o método clínico. De acordo com Berg e Smith (1988), esse método possui características e exigências próprias, tais como o envolvimento direto ou a observação do sistema social, o compromisso com o processo de auto-exame feito pelo pesquisador à medida que conduz a pesquisa, uma descrição do sistema social que privilegia a profundidade ao invés da amplitude e, por último, a participação do sistema social que está sendo estudado.

Quanto à estratégia de pesquisa da abordagem qualitativa e da pesquisa clínica escolheu-se apontar o estudo de caso. Para Ludke e André (1986), os estudos de caso buscam retratar a realidade de forma mais completa e profunda, levando em consideração não só a multiplicidade de dimensões presentes na situação, mas também os diferentes e às vezes conflitantes pontos de vista nela presentes.

Foram selecionadas duas participantes de 65 e 78 anos para que, a partir da aplicação dos instrumentos, suas famílias pudessem compor os estudos de caso. Os instrumentos de coleta de dados foram a entrevista semi-estruturada que, segundo Rey (2002), é uma ferramenta interativa, não uma via objetiva capaz de refletir diretamente a natureza do estudado independentemente do pesquisador; o genograma que, para Zuse, Rossato e Backes (2002), é um instrumento gráfico auxiliar na identificação de padrões de comportamentos, permitindo uma visualização rápida das ações a serem desenvolvidas pela família em estudo, ou seja, é uma apresentação dinâmica da família; e, por último, a linha do tempo familiar que, para Cerveny (2004), permite visualizar datas e fatos mais importantes da família nuclear, com a finalidade de mostrar a ocorrência dos fatos, numa seqüência de tempo.

As informações obtidas com a coleta de dados foram analisadas qualitativamente por meio de quatro categorias de análise construídas a priori, quais sejam: perdas na família da participante; mudanças observadas na família nuclear diante das perdas mais significativas; elaboração do luto familiar e legados das perdas para filhos e netos.

A análise dos dados é de essencial importância para a compreensão do fenômeno, onde o produto final da análise de pesquisa deve ser encarado de forma provisória e aproximativa, pois trata-se de um processo de transformação e construção constante (Minayo, 1984).

Procedimentos

Após a obtenção do parecer de aprovação do projeto de pesquisa, pela Comissão de Ética da Universidade do Vale do Itajaí, apresentamos o projeto ao grupo de idosos da CIABS (Clínica Integrada de Assistência Básica à Saúde da UNIVALI) em agosto de 2008. Segundo Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde o idoso faz parte da população vulnerável e sugere-se a realização de atividades terapêuticas paralelas à realização da pesquisa, para minimizar algum efeito nocivo que não foi previsto pela pesquisadora. Portanto, os idosos sujeitos da pesquisa, estiveram recebendo acompanhamento psicológico no grupo de idosos da CIABS.

Assim, foi anunciado ao grupo que, por adesão voluntária, duas mulheres cujas famílias tenham vivido perdas ao longo de seu ciclo de vida familiar poderiam deixar o seu nome e telefone com o coordenador do grupo para que fossem repassados ao pesquisador.

A coleta de dados ocorreu no domicílio de cada participante, em um total de três encontros individuais. No primeiro deles foi realizada uma entrevista inicial para apresentar os objetivos da pesquisa e colher a assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido. Nesse encontro deu-se início à confecção

gráfica do genograma em uma cartolina. A aplicação do genograma objetivou identificar todas as perdas da família e quais as mais significativas para as participantes, como essas ocorreram, bem como, a configuração atual da família nuclear de cada uma. O critério utilizado para definir o número de gerações incluídas no genograma de cada caso foi a capacidade do sujeito pesquisado em identificar as pessoas e as perdas que ocorreram anteriormente em sua família.

No segundo encontro finalizou-se o genograma e iniciou-se a construção da linha do tempo familiar, cujo objetivo foi identificar as mudanças observadas diante das perdas, em uma seqüência de tempo, obtendo assim mais informações de maneira a complementar o genograma. Durante a aplicação da linha do tempo familiar verificou-se que as perdas mais significativas das participantes diziam respeito à perda de filhos adultos e cônjuges. Por tanto, foram realizadas perguntas sobre o processo de elaboração do luto da família, por meio de um roteiro que abordava os seguintes tópicos: ações e emoções de todos os membros após a morte, a comunicação familiar diante da perda, os significados construídos para lidar com ela, os eventos e mudanças após a perda, a reorganização do sistema e as perspectivas de futuro para a família e para a participante.

No último encontro finalizou-se a linha do tempo familiar e procurou-se averiguar como estavam as participantes diante da rememoração do tema da perda e do luto na família, com possibilidade de encaminhá-las para atendimento psicológico, caso necessitassem. As mesmas relataram que não precisavam, alegando que havia sido muito bom conversar com o pesquisador.

Resultados

O caso 1 consistiu na família da Sra. X, que no momento da entrevista estava com 65 anos. Seu genograma foi construído em cinco gerações e a linha do tempo familiar foi iniciada a partir de seu casamento até os dias atuais. O caso 2 consistiu na família da Sra. Y, que no momento da entrevista estava 78 anos. Seu genograma foi construído em duas gerações e a linha do tempo familiar foi iniciada a partir de seu casamento até os dias atuais.

No quadro 1 apresentam-se os resultados da família da Sra. X e no quadro 2 os resultados da família da Sra. Y, classificando-os em quatro categorias de análise.

Perdas na família da Sra. X	Principais mudanças após as perdas significativas	Aspectos da elaboração do luto familiar	Legados das perdas para os filhos
<p>Avós; Tios; Pais; Dois irmãos; Aborto; Filho jovem; Cônjuge por separação</p>	<p>Após o seu divórcio, a entrevistada começa a trabalhar fora e inicia a participação na igreja evangélica; O filho mais velho da entrevistada engravida a namorada após a morte da irmã; A entrevistada intensifica a sua participação na igreja evangélica após a perda da filha. A filha caçula da entrevistada não mantém relacionamentos afetivos sexuais e posterga a sua saída de casa até esta se aposentar. A entrevistada após a aposentadoria inicia a participação no grupo de idosos da CIABS.</p>	<p>Dificuldades de compartilhar sentido e significados diante das duas perdas repentinas; Isolamento da entrevistada após a perda da filha; Rápido reposicionamento dos papéis familiares, filhos assumindo papel parental, após as duas perdas;</p>	<p>Dificuldade da filha caçula em confiar nos homens; Transição precoce do filho mais velho no ciclo de vida; Transição tardia da filha caçula no ciclo de vida; O filho mais velho apresenta necessidade de proteger a entrevistada quando esta vai morar sozinha.</p>

Quadro 1. Descrição dos principais resultados observados na família da Sra. X.

Perdas na família da Sra. Y	Principais mudanças após as perdas significativas	Aspectos da elaboração do luto familiar	Legados das perdas para os filhos
<p>Pais; Filhos pequenos; Irmã; Filhos adultos; Cônjuge.</p>	<p>A entrevistada vai morar sozinha após a morte do cônjuge; Dois filhos adultos tornam-se cuidadores da mãe, após a morte do pai; Após a morte dos filhos adultos a entrevistada tem a sua saúde deteriorada significativamente; Após a perda dos filhos cuidadores, os outros filhos da entrevistada responsabilizam-se por ela; A entrevistada inicia a participação no grupo de idosos da CIABS, após a perda dos filhos adultos.</p>	<p>Rápido reposicionamento de papéis na família, filhos assumindo papel de cuidador da mãe; Dificuldade da família na aceitação da morte dos irmãos adultos; Dificuldade de compartilhar as emoções do luto diante das mortes na família. Falta de perspectivas futura para a entrevistada diante da velhice.</p>	<p>Para os filhos sobreviventes o legado foi cuidar da entrevistada/mãe doente na velhice.</p>

Quadro 2. Descrição dos principais resultados observados na família da Sra. Y.

Análise e discussão dos casos

No genograma e na linha do tempo familiar da Sra. X observa-se várias perdas, porém as significativas, de acordo com seu relato, foram a separação conjugal e a morte da filha do meio. Essas duas perdas foram repentinas, em contrapartida à morte dos pais e de outros membros da família de origem, que se deu por adoecimento prévio.

Quanto à elaboração do luto familiar, após a separação conjugal, pode-se observar uma fase de choque com dificuldade em aceitá-la. *“Eles reclamavam, sentiram muita a falta do pai, como eu senti, não esperava... a gente vivia muito bem tanto eu com ele, como ele com os filhos. Eles não aceitavam, não se conformavam. Quando o casal já briga, já tá esperando de uma hora pra outra acontecer alguma coisa, eu acho assim né, mas nós não, a gente não brigava”* (sic).

O divórcio é um rompimento significativo no processo do ciclo de vida familiar, pois aumenta a complexidade das tarefas desenvolvimentais que a família experimenta naquela fase. Assim, a família pode experimentar a confusão e a perturbação que acompanham o processo de divórcio, que lança o desafio para o sistema familiar de reorganizar-se, ou seja, surge a necessidade de novas regras e padrões, diante de mudanças relativas aos papéis, às fronteiras e à estrutura hierárquica. (Ahrns, 1980, In Carter e McGoldrick, 1995).

O movimento da família da Sra. X foi o de redistribuir o papel do cônjuge no sistema familiar. Dessa maneira, a filha do meio assumiu o papel parental e mãe começou a trabalhar fora para sustentar os filhos, não tendo reconstituído a sua vida afetiva após a separação. *“Ela ajudava em tudo, até o dinheiro eu deixava com ela para comprar as coisas... ela era muito companheira”* (sic). *“Os meus filhos queriam que eu casasse, engraçado né? Meu filho mesmo, casa mãe, a mãe é nova. Porque quando eu me separei tinha feito 35 anos. Aí minha filha disse, a mãe tem que casar, não pode viver a vida sozinha. Eu disse não. Isso aí nunca mais veio na minha cabeça, casamento... não sei, eu nunca me encontrei com outro homem nada”* (sic).

Após sete anos da separação conjugal, ocorreu a morte da filha do meio, que na época estava com 18 anos. A entrevistada então contava com 41 anos. A morte ocorreu por traumatismo craniano, em virtude da queda da moto no qual ela e o namorado passeavam, e ele sobreviveu ao acidente. *“Eu me emociono muito, muito. Ela era muito bonitinha, todo mundo dizia que ela parecia uma bonequinha, porque ela era muito bonitinha, eu senti muita falta dela, muita, muita”* (sic). A reação dos irmãos foi restaurar a unidade familiar, primeiramente, a filha caçula assumindo os cuidados da casa. *“A pequena me deu a maior força, parecia uma mulher, ela fazia tudo, trabalhava, tinha disposição... ela fazia café, ela arrumava tudo”* (sic).

No processo de elaboração do luto dessas duas perdas percebe-se

dificuldades da família em dar sentido às mesmas, dificultando sua aceitação, bem como percebe-se o rápido reposicionamento dos membros familiares para preencher as lacunas existentes após cada perda. Parkes (1996) aponta que a morte de filhos jovens é considerada um preditor para problemas na elaboração do luto, sendo que as mães reagem pior que os pais.

Bromberg (1994) sugere que a família exerce determinadas funções, após uma perda, a fim de suprir as necessidades de sobrevivência de seus membros. Assim, com a perda de um de seus membros, é possível que outro integrante assuma o papel que até então era exercido por aquela pessoa que não está mais presente, com o objetivo de manter a organização e sobrevivência da família.

Por outro lado, houve uma sobrecarga no luto de toda a família após a perda de um segundo integrante importante. Essa sobrecarga pode ter postergado ou antecipado o movimento progressivo do ciclo de vida dos filhos sobreviventes. Observa-se que a filha caçula ficou morando com a mãe por mais dezesseis anos, indo morar sozinha aos trinta anos, um ano antes da mãe se aposentar. *"Hoje ela tem 36 anos. Não casou e não teve filhos"* (sic). Para McGoldrick (1998) "o movimento progressivo do ciclo de vida pode ser bloqueado por questões não resolvidas de lutos passados" (p. 52). Se por um lado ocorreu uma transição tardia no ciclo individual da filha caçula, no que se refere à saída de casa, por outro, para o filho mais velho, ocorreu uma transição precoce, pois o mesmo foi morar junto com a namorada que estava grávida, propiciando o nascimento do primeiro neto da Sra. X no ano seguinte à morte da irmã.

Pondera-se também que a sobrecarga no luto diante de duas perdas significativa, pode ter fomentado legados da perda para a geração dos dois filhos vivos e netos da Sra. X. Os filhos podem ter um papel especial na família o que, muitas vezes, isso pode significar resolver missões deixadas incompletas pela perda não resolvida nas gerações anteriores ou apenas repetir modos de relacionamentos aprendidos com as perdas.

Um dos legados neste caso é observado no comportamento da filha caçula, na impossibilidade de confiar nos homens e assumir os riscos de uma relação amorosa. Os homens, na vida das mulheres da família da Sra. X, foram responsabilizados pelo sofrimento delas *"... ela diz que tem muita emoção pelo o que o pai fez com nós assim... ela diz: o que o meu pai fez com a mãe podem fazer comigo também"* (sic) e, de certa forma, o namorado da irmã sobreviveu ao acidente, pois usava capacete e ela não.

Outro legado observado é relacionado ao filho mais velho e aos netos devido ao padrão de repetição de compartilhamento das emoções do luto nesta família. Observa-se uma intensa emoção expressa por parte da Sra. X, que aparece tanto no seu isolamento após a morte da filha como na data de aniversário dessa perda. Mesmo tendo passado cinco ou seis anos da perda de sua filha, a Sra. X não saía de casa, exceto para o trabalho e para a Igreja aos domingos. Também

não frequentava nenhum tipo de festa. Com o passar dos anos passou a comparecer a casamentos ou batizados, mas não consegue participar das comemorações de final de ano. *"Eu não aceito mais Natal, nem primeiro do ano. Não faço mais festa nesses dias, mais nada. Ela era muito divertida. A última palavra que ela disse pra mim quando saiu mais as colegas, ela disse: oh mãe, não vai me desejar boa sorte?"* (sic).

Supõe-se que o luto da mãe tenha agido silenciosamente sobre os filhos e netos, que colocaram-se em uma posição de apoio e cuidado com a Sra. X, como forma de aliviar a sua dor. Parece que o padrão de repetição nessa família é não deixar a mãe sozinha, compartilhando a sua dor.

Esse aspecto ressurgiu quando a Sra. X passou a residir sozinha, após a saída da filha caçula e de sua aposentadoria, quando o filho mais velho demonstrou querer assumir o papel de cuidador da mãe. *"Quando a minha filha tinha 30 anos e eu 59 e fui morar sozinha. Aí ele queria que eu fosse morar com ele, e ainda quer mais eu não quero. Não dá, não sei, pra mim parece que morar junto, eu não quero, poderei até ir porque não sei o dia de amanhã né, mas por enquanto não"* (sic).

Essa família encontra-se no último estágio do ciclo de vida familiar, o estágio tardio da vida. Dentre os desafios que se apresentam nesse estágio, segundo Carter e McGoldrick (1995) estão: a insegurança e a independência financeira; a perda de amigos, parentes e do cônjuge, que é o ajustamento mais difícil; dificuldade em fazer as modificações de status necessários nessa fase de vida. Para essas autoras mesmo quando os filhos adultos apóiam instrumental e emocionalmente os pais que estão envelhecendo, o filho deve permanecer no relacionamento de filho em relação ao progenitor, e não se tornar um progenitor para seu pai ou sua mãe.

Na família da Sra. Y, diante das perdas prematuras dos dois filhos que morreram em tenra idade, não ocorreram mudanças significativas na família. Na época das perdas houve um movimento para enterrar as crianças, passar pelo processo de luto, mas outros filhos vieram e a rotina familiar continuou. *"Ele tava muito doente, teve febre... tinha uma bolha de água na cabeça, acho que machucou a cabeça no parto"* (sic). *"A dor do parto a gente esquece... e também tem o amor dos outros filhos"* (sic).

A perda do cônjuge ocorreu quando a Sra. Y tinha 65 anos e foi repentina *"Ele era um homem forte com saúde de ferro, aí agente não espera... a alegria dele era dançar coitado!"* (sic). O esposo da Sra. Y ocupava em sua vivência familiar o papel de provedor financeiro e, na época da perda, a mesma não trabalhava fora de casa, passando a receber pensão do cônjuge após a sua morte. Ficou morando sozinha, tendo uma filha e um filho sempre presentes em sua vida, quando, possivelmente tiveram o envolvimento com a mãe intensificado após a morte do pai. *"Ele ia tomar café lá em casa todo o dia, podia chover, podia dar o que for, ele ia lá em casa... Ela ia lá em casa às vezes duas vezes por dia até..."*

ela vinha me ver todo dia, todo dia... ela me ajudava de mais... todo mundo dizia que ela era meu braço direito, eu digo que não, que ela era meu corpo inteiro" (sic).

Com a morte dos filhos cuidadores, os outros membros do grupo familiar, ou seja, os filhos da Sra. Y voltaram suas atenções para a mãe, o que até então não ocorria. Desta forma mobilizaram-se para que a mesma não ficasse sozinha em casa. A Sra. Y começou a ir todos os finais de semana para a casa de um dos filhos, e durante a semana, principalmente as filhas mulheres, revezavam-se para ficar com a mãe e ajudá-la.

A saúde da Sra. Y deteriorou-se depois da perda dos filhos. A mesma sofreu um derrame em 2005 e apresentou sequelas como perda parcial da memória, cegueira em um dos olhos e visão parcial no outro. Segundo a percepção dos outros filhos, já não poderia mais ficar sozinha em casa sem os devidos cuidados.

Os lutos pelas perdas dos filhos adultos tiveram um impacto mais significativo na família. A Sra Y teve dificuldades em abordar os sentimentos gerados por essas mortes. *"Por que mexe né, quando agente fala o nome da pessoa que faleceu mexe na gente... então agente já faz o possível para não tocar no nome deles" (sic).* Para Oliveira e Lopes (2008) a morte de um filho pode representar a impotência do amor dos pais para evitar este evento final, podendo colocar em dúvida a qualidade deste amor, como se tivesse fracassado. *"É assim, porque o filho é um pedaço que sai da gente, o marido a gente também sente é claro, eu vivi com ele quase cinquenta anos, mas o marido é um companheiro, não é o sangue da gente, o filho é um pedaço, só quem perde é que sabe contar" (sic).*

De acordo com Walsh e McGoldrick (1998) a capacidade de aceitar a perda está no âmago de todas as habilidades dos sistemas saudáveis, onde a adaptação não significa resolução, no sentido de uma aceitação definitiva da perda, mas sim a descoberta de maneiras de colocar a perda em perspectiva e seguir em frente com a vida.

O legado para os filhos adultos parece ser cuidar da mãe, e não somente isso, cuidar dela doente na velhice, à espera da morte. Quando questionada sobre as perspectivas para o futuro, a Sra. Y afirmou que quer continuar morando em sua casa e, quando morrer, gostaria de ser velada na mesma. *"Eu não quero ir para um asilo, e quando morrer não quero me velar no cemitério, quero me velar em casa, porque eu vivi a vida toda naquele cantinho... e as pessoas têm que passar a noite toda velando, aí podem sentar, descansar, tomar um cafezinho, é conforto para os meus parentes" (sic).*

A doença é uma preocupação proeminente para a maioria dos adultos mais velhos, o medo da perda do funcionamento físico e mental e de uma condição progressivamente degenerativa são preocupações comuns. Assim, segundo Carter e McGoldrick (1995), essas preocupações ecoam a ansiedade de outros membros da família, onde a questão da dependência assume um primeiro plano nas relações intergeracionais.

Para Bromberg (1994), as situações de perda na velhice são consideradas sobrecarga para o luto. Oliveira e Lopes (2008) apontam que na velhice pode haver pouca disponibilidade emocional para a elaboração do luto, por parte do idoso, devido à falta de relacionamentos mais íntimos sejam eles terapêuticos ou apenas de amizade. Por isso, muitas vezes, os idosos vivem a dor da perda na solidão, "... é necessário que a família tenha tolerância para com o idoso enlutado e, principalmente, que desenvolva a comunicação e o compartilhamento de sentimentos sobre a perda (...) permitindo ao idoso seguir em frente ao invés de inconscientemente escolher morrer" (p.221).

Considerações finais

Na família da Sra. X observou-se que, a partir da separação conjugal, a família sofreu influências em seu ciclo e nas decisões tomadas posteriormente para a vida de cada um. Devido à morte da filha do meio, ocorreu uma sobrecarga no luto para todos os membros familiares, causando um impacto significativo nas transições para vida adulta dos filhos sobreviventes.

Os legados das perdas tiveram um impacto intergeracional para as mulheres, apresentando a confiança nos homens em constante teste nessa família. Nesse sentido, não foi possível conversar sobre a saída do pai e o contexto no qual isso ocorreu, bem como nunca se soube o porquê da filha não estar usando o capacete no momento do acidente, já que foi esse equipamento que salvou a vida do namorado.

O filho mais velho e netos repetem o padrão de serem cuidadores, tanto em relação às reações de luto da mãe no aniversário de morte da irmã quanto em relação à transição para a velhice da Sra. X. O padrão de repetição nessa família é não deixar a mãe sozinha, assim protegendo-a nos momentos de transição.

No caso 2, em termos de evolução do ciclo familiar e o impacto das mortes, observou-se que os filhos da Sra. Y conseguiram manter-se cada qual em seu núcleo familiar, e mesmo assim, apoiaram a mãe, não trazendo alterações significativas na evolução dessa família e nas tarefas de seu ciclo de vida. O que parece ter sido bastante significativo foram as repercussões do luto na saúde da Sra. Y, bem como sua falta de expectativas para o futuro.

Observa-se que, devido às dificuldades de elaboração do luto, tanto na família da Sra. X como na da Sra. Y, ocorreram legados de perda pois segundo McGoldrick (1998) "... as famílias ficam aprisionadas à morte e a perda" (p.150). Cabe mencionar que as perdas mais significativas ocorreram em um momento do ciclo de vida familiar no qual a ausência dos integrantes de cada família provocou desafios adaptativos, exigindo maior reorganização das relações familiares, bem como ocorreram em um momento no qual a mulher enlutada estava com menos suporte emocional e com poucas relações de proximidade, como a velhice (Sra. Y) e com filhos pequenos (Sra. X).

Referências

- Berg, D. N. & Smith, K. K. (1988). The clinical demands of research methods. In *The self in social inquiry*. California: Sage Publications.
- Bromberg, M. H. P. F. (1994). *Psicoterapia em situações de perda e luto*. Campinas: Editorial Psy.
- Carter, B. & McGoldrick, M. (1995). *As mudanças no ciclo de vida familiar: estrutura para a terapia familiar*. 2ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Cervený, C. M. O. (2004). *A família como modelo: desconstruindo a patologia*. Campinas: Psy.
- Cervený, C. M. O. & Berthoud, C. (2002) *Visitando a família ao longo do ciclo vital*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Lüddke, M. & André, M. (1986). *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU.
- McGoldrick, M. (1998). O legado da perda. In F. Walsh & M. McGoldrick *Morte na família: sobrevivendo às perdas*. Porto Alegre: Artmed.
- Minayo, M. C. (1984). *Pesquisa social: teoria métodos e técnicas*. Rio de Janeiro: Vozes.
- Oliveira, J. B. A. & Lopes, R. G. da C. (2008). O processo de luto no idoso pela morte de cônjuge e filho. *Psicologia em Estudo*, 13(2), 217-221.
- Parkes, C. M. (1996). *Luto: estudos sobre a perda na vida adulta*. São Paulo: Summus Editorial.
- Rey, G. (2002). *Pesquisa qualitativa em psicologia: caminhos e desafios*. São Paulo: Pioneira.
- Walsh, F. & McGoldrick, M. (1998) Um tempo para chorar: a morte e o ciclo de vida familiar. In F. Walsh & M. McGoldrick *Morte na família: sobrevivendo às perdas*. Porto Alegre: Artmed.
- Zuse, A. S; Rossato, V. M. D; Backes, V. M. S. (2007) Genograma: um instrumento de trabalho na compreensão sistêmica de vida. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 10(3). Retirado em 31/10/2007 do SciELO (Scientific Eletronic Library Online) <http://www.scielo.com.br> .

Endereço para correspondência

ivania@oletelecom.com.br